

A idéia de uma “nova ordem” ou o remapeamento do caos: ensaio sobre a sistematização do “mundo vital”*

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes
Departamento de Filosofia da UFRN/UFRJ

RESUMO

O presente ensaio traz uma breve reflexão sobre a perspectiva habermasiana de sistematização do “mundo vital”, examinada no quadro histórico da questão da “pós-modernidade”. Esta trata da relação, apontada por HABERMAS (1987: 11), entre as esferas do “sistema” e do “mundo vital”¹, aplicada em termos de uma teoria da sociedade que se coloca frente a idéia de uma “nova ordem mundial”.

A idéia de uma “nova ordem mundial” situa-se no contexto histórico da queda do Muro de Berlim, do fim da utopia socialista, e da afirmação do Capitalismo como o único sistema sócio-econômico vigente à nível mundial. Prognóstico de um futuro próximo que desde já se anuncia, sua contextualização histórica preconiza os novos parâmetros, os quais o pensamento deve obedecer como expressão de seu próprio tempo. Configurada no ideal de uma Europa totalmente unificada, idealizada por Kojève; ou no triunfo do Capitalismo Liberal de Fukuyama, a idéia de uma nova ordem traz implícita uma interpretação (correta ou não) da concepção hegeliana de “fim de

* Trabalho apresentado na V SEMANA DE HUMANIDADES DA UFRN - 1995

¹ Optamos pela tradução de LEBENSWELT como “mundo vital”, seguindo a tradição de alguns comentadores que distinguem o termo do conceito fenomenológico de “mundo da vida”.

história". Esta, aproximada de uma forma muito peculiar a um tipo de compreensão do Pós-Moderno, tal como se encontra na noção de "Post Historie" de Arnold Gehlen. Desaparecidas as premissas do esclarecimento, como expressão da modernidade, a pós-modernidade se caracteriza a partir das suas conseqüências que permanecem em vigor. Noutros termos, um quadro da modernização social auto-suficiente, que progride em torno de uma conjugação da técnica e da ciência com as leis funcionais da economia e do Estado. Corporificado num sistema anônimo, auto-operacionalizável em todas as suas instâncias, coordenadas nos seus sub-sistemas, este se caracteriza como imune às influências. De modo que, pensar a idéia de uma nova ordem como remapeamento do caos na incomensurabilidade do contexto histórico, implica examiná-la no seu cerne funcionalista. Tomá-la como princípio ordenador da realidade, enquanto núcleo de cristalização de uma concepção de mundo que tem na sua raiz aquilo que Habermas identifica como "sistematização do mundo vital".

Objeto de análise, a idéia de uma nova ordem se coloca sob a ótica do caráter geral da relação entre "sistema" e "mundo vital" a partir dos pressupostos de uma concepção habermasiana da teoria da sociedade. O "mundo vital" se caracteriza como o conjunto de referências do mundo cotidiano dos atores sociais, situado na dimensão do entendimento intersubjetivo, enquanto pano-de-fundo não tematizável da ação comunicativa, o qual serve também como celeiro cultural de convicções e idéias básicas. Em contrapartida, o "sistema", como oposto que lhe é derivado, aparece como princípio de tematização e ordenamento instrumental-estratégico dos elementos não tematizáveis que emergem do pano-de-fundo através de crises e patologias que o "mundo vital" está sujeito no processo de racionalização social. Assim, dentro dessa perspectiva, considera-se o "sistema como um desdobramento do próprio "mundo vital". Caracteriza-se então uma ligação indissociável entre os termos, que tem no "sistema" o limite da força explanatória, de resolução de crises e explicação de paradoxos do "mundo vital", os quais ele está sujeito pelo próprio caráter dinâmico que apresenta.

Em termos gerais, a interpretação de uma nova ordem como remapeamento do caos, se aproxima dessa idéia de indissolubilidade entre "sistema" e "mundo vital" como elementos constitutivos do "complexo dialético" que caracteriza a sociedade na sua dupla face: da integração social, cujas orientações são colhidas no mundo vital; e da integração sistêmica, produzida pelos modos estratégicos de ordenar a ação. Tal aproximação só é possível na medida em que, a

idéia de uma nova ordem mundial tem implícito o pressuposto de uma sociedade global, que se articula sobre o pano-de-fundo de um largo espectro de contextos lingüísticos-culturais, e que se racionaliza diante das evidências tematizadas do mundo vital.

Pensar o sentido de remapeamento na idéia de uma nova ordem, é pensar o caráter dinâmico que se apresenta em dois níveis: do sistema, na instância de apropriação dos elementos do mundo vital e no desenvolvimento da sua própria dinâmica, e do mundo vital, na sua relação com o sistema e como horizonte possível de tematização. Nesse sentido, o caráter de reterritorialização na sistematização do mundo vital, implica numa redefinição dos parâmetros caracterizadores dos limites de compreensão para a velha divisão de mundos em termos de uma sistematização global, a partir da diversidade de contextos no qual o mundo vital se caracteriza como caos.

Habermas(2:45-92) discutindo com Marcuse, sobre o caráter da sistematização tomada na sua estrutura funcional, salienta a idéia de deslocamento dos conflitos, do interior do sistema para a periferia, como modelo de sistematização. Este, enquanto uma forma de reterritorialização do sistema, pode ser compreendido em dois aspectos. O primeiro, de um enfoque "microscópico", do interior das sociedades, que se caracteriza pela formação de guetos e de um imenso contingente de excluídos, que como tais estão incorporados no interior da sua estrutura. E o segundo, de um enfoque "macroscópico", de uma divisão mundial de países, onde o mesmo modelo sistemático se repete, diferenciando-se apenas nas formas e graus de violência que lhe é implícita.

Assim, sobre a velha divisão economicista entre primeiro e terceiro mundo se coloca uma nova ordem transnacional que tem a face de um sistema anônimo, auto-operacionalizável, o qual se diferencia apenas no processo de sistematização do mundo vital em suas diferentes instâncias. Deste modo, o dito "primeiro mundo", pode ser caracterizado pelo processo de sistematização que se operacionaliza no contexto de uma socialização democrática com a destruição lenta, mas progressiva dos valores e culturas de tradição sólida. E o "terceiro mundo" através de um processo de sistematização que se operacionaliza no contexto de uma socialização selvagem com a destruição acelerada dos valores e culturas recentes. As conseqüências de tais processos, ainda que se diferencie em cada caso, como especificidades regionais do processo de sistematização, todos apresentam um dado comum: a reação à violência da sistematização do mundo vital, diante da sua própria degradação.

Contudo, pela própria complexidade dialética que envolve a relação entre sistema e mundo vital, a resposta à degradação do mesmo pela sistematização não se reduz apenas aos aspectos patológicos das sociedades ou às respostas possíveis no interior do próprio sistema como movimentos (feminista, gay, ecológico, etc ...) de contestação. Do mesmo modo, para além dos simples efeitos, a resposta à degradação do mundo vital também implica uma maior complexificação do mesmo, como uma forma de recuo à medida que avança o processo de sistematização. Pano-de-fundo não tematizável da ação comunicativa, o mundo vital absorve o desdobramento da sistematização e os seus efeitos, enquanto celeiro lingüístico-cultural de um tipo de comunicação situada, que data-os de um novo sentido na prática intersubjetividade cotidiana, como forma de escapar à malha estratégico-instrumental do sistema, através da sua complexificação.

Nessa medida, pensar a nova ordem em termos críticos do processo de sistematização, através do caráter dinâmica da relação entre sistema e mundo vital, significa resgatar o velho ideal de emancipação esquecido pela pós-modernidade. Recolocando o próprio projeto do esclarecimento sob um novo prisma: como "possibilidade de um projeto de vida não-fracassado" (HABERMAS, 1:182), no interior da estrutura do próprio sistema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. HABERMAS, Jürgen. Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
02. _____ Técnica e ciência como ideologia. Lisboa: Edições 70, 1987.
03. _____ Teoria de la acción comunicativa. Tomo II. Madrid: Taurus, 1987.
04. SIEBENEICHLER, Flávio B. Jürgen Habermas. Razão Comunicativa e Emancipação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.